

## A IMPOSSIBILIDADE DE RESULTATIVAS ADJETIVAS EM ALEMÃO COM VERBOS INACUSATIVOS E TRANSITIVOS

Andrea KNÖPFLE\*

*ABSTRACT: In this paper I suggest that the impossibility of adjectival resultatives in German with unaccusative and transitive verbs is due to syntactic constraints. The adjectival resultatives in German are causative constructions built up from an intransitive verb, an Accusative DP and an AP, following Kratzer's 2005. This hypothesis is empirically supported. The main verb triggers the action, which has its result denoted by the adjective upon the DP<sub>Acc</sub>, e.g. (i) *Er nieste das Papier naß* – HE SNEEZED THE PAPER WET – 'He sneezed all over the paper, making it wet'. Adjectival resultatives in German with unaccusatives or transitives are impossible, i.e. (ii) \**Hans starb Marie traurig* – HANS DIED MARIE SAD – 'Hans died and Mary became sad because of it'. The ungrammaticality of (ii) can be supported taking Chomsky's 1995 vP approach, which encodes Acc Case and agentivity, formalizing Burzio's 1986 generalization. I also compare this analysis with VoiceP (KRATZER, 1996).*

*KEYWORDS: adjectival resultatives; German; unaccusatives; vP; VoiceP.*

### 1. Introdução

O objetivo deste artigo é argumentar que a impossibilidade de resultativas adjetivais em alemão com verbos transitivos e inacusativos decorre de restrições sintáticas<sup>1</sup>. Chamo de resultativa adjetival uma construção causativa, sendo essa causatividade acionada por um verbo intransitivo, seguindo Kratzer (2005). O estado resultante é denotado por um AP sobre um DP acusativo. Vejamos alguns exemplos:

- (1) a. Er hat die Teekanne leer getrunken.  
Ele teve a chaleira vazio bebido  
'Ele esvaziou a chaleira bebendo (o seu conteúdo).'
- b. Das Kind hat das Bettchen voll gekotzt.  
A criança teve a caminha cheio vomitado  
'A criança vomitou por toda a caminha.'
- c. Er hat das Papier nass geniest.  
Ele teve o papel molhado espirrado  
'Ele molhou o papel, espirrando sobre ele./ Ele espirrou, molhando o papel.'

Em (1)a, temos um sujeito *ele* que pratica uma ação de beber, e essa ação tem como resultado *a chaleira vazia*. Observamos que o DP<sub>Acc</sub> *a chaleira* não parece ser argumento semântico do verbo. O que foi bebido foi algum conteúdo (líquido). O verbo, em (1)a, está em uso intransitivo. Para (1)b, imaginamos que uma criança vomitou de tal forma, que a caminha em que estava ficou cheia de vômito. Em (1)c, alguém espirrou sobre o papel, que ficou molhado devido ao espirro. Nos dados em (1)b-c, cujos verbos *kotzen* (vomitar) e *niesen* (espirrar) são intransitivos, os DP<sub>Acc</sub> não são argumentos semânticos dos verbos: o que foi vomitado não foi a cama, nem o papel pode ser objeto do espirrar. Se os adjetivos das

\* Doutoranda; Universidade Federal do Paraná.

<sup>1</sup> Dentro de uma teoria de Princípios e Parâmetros pré-minimalista, seguindo Chomsky (1981, 1986a, 1986b, 1993, 1995), Chomsky e Lasnik (1993), Rizzi (1990), Lasnik e Uriagereka (1988), *inter alia*.

sentenças em (1) forem retirados, o falante vai interpretar os  $DP_{sAcc}$  como argumentos semânticos dos verbos, rejeitando os dados.

Adoto a hipótese em Kratzer (2005), que concebe o  $DP_{Acc}$  da estrutura superficial como argumento interno do adjetivo; assim, o verbo na estrutura sintática é sempre intransitivo – mesmo que em alguns casos tal verbo seja aparentemente transitivo (cf. seção 3). O DP argumento interno da raiz adjetival se move para receber/checar Caso Acc, comportando-se em estrutura superficial como aparente argumento de V. Igualmente adoto a semântica/relação de causa das resultativas em Kratzer (2005), que abordarei rapidamente na seção 3.

Partindo das hipóteses acima, a pergunta que coloco neste trabalho é por que não são possíveis resultativas adjetivais em alemão com verbos inacusativos, como (2)a-b.

- (2) a. \*Hans starb Marie traurig  
Hans morreu Marie triste  
'Hans morreu, deixando a Marie triste'.  
b. \*Hans ist Marie zornig eingeschliefen<sup>2</sup>  
Hans é Marie zangada adormecido  
'Hans adormeceu, deixando a Marie zangada'.

O trabalho em Kratzer (2005) não aborda – pelo menos não diretamente - ocorrências desse tipo. Mostro, porém, que a partir dos trabalhos da autora (2005, 1996), existe a possibilidade potencial de derivação da agramaticalidade de tais dados. Na seção 2, exemplifico uma pequena parte da cobertura empírica que respalda a restrição das resultativas em alemão a verbos intransitivos (ou em uso intransitivo). Na seção 3, resumo a análise semântica e como se deriva a relação de causa das resultativas em Kratzer (2005). Na seção 4, procuro uma representação sintática que possa dar conta dos dados agramaticais em (2), considerando a projeção funcional VoiceP, proposta em Kratzer (1996), responsável simultaneamente pela introdução do argumento 'agente' e checagem de Caso Acc. Na seção 5, comparo o esqueleto sentencial kratzeriano com o  $v$ -leve de Chomsky (1995), reconcebendo o *locus* da agentividade em termos de  $v$ -leve. Aponto as vantagens da última abordagem. Adicionalmente, desta última análise se deriva a não ocorrência de resultativas com verbos transitivos, como em (3)c.

- (3) c. \* Hans schlugte Klaus Marie traurig.  
Hans espancou Klaus<sub>Acc</sub> Marie<sub>Acc</sub> triste  
'Hans espancou Klaus, deixando Marie triste'

Lembro que verbos como *schlagen* (espancar) em alemão não são obrigatoriamente transitivos – eles podem ocorrer sem argumento interno, como, por exemplo, de forma repetida para fornecer leitura iterativa: *Hans schlugte und schlugte* – 'Hans espancou e espancou'.

## 2. Sobre a transitividade

A hipótese em Kratzer (2005) (o verbo das resultativas adjetivais está sempre em uso intransitivo) está em concordância com o fato de que não é possível resultativas adjetivais

---

<sup>2</sup> Tanto *sterben* (morrer), quanto *einschlafen* (adormecer), selecionam o auxiliar *sein* (ser) no passado, mostrando comportamento inacusativo.

com verbos obrigatoriamente transitivos (como já apontado na literatura em Levin e Rappaport (1995)<sup>3</sup> e Hoekstra (1988, 1992)). Vejamos exemplos do alemão:

- (4) a. Er hat gekocht.  
 Ele teve cozinhado  
 'Ele cozinhou'
- b. Er hat seine Familie magenkrank gekocht.  
 Ele teve sua família doente-do-estômago cozinhado  
 'Ele deixou sua família doente do estômago cozinhando para ela.'
- c. Er hat \*(seine Familie) bekocht.  
 Ele teve sua família cozinhado-para  
 'Ele cozinhou para sua família.'
- d. \*Er hat seine Familie magenkrank bekocht.  
 Ele teve sua família doente-do-estômago cozinhado-para
- (5) a. Sie haben geschossen.  
 Eles tiveram atirado  
 'Eles atiraram.'
- b. Sie haben ihn tot geschossen.  
 Eles tiveram ele<sub>Acc</sub> morto atirado  
 'Eles o mataram, atirando nele.'
- c. Sie haben \*(ihn) erschossen.  
 Eles tiveram ele<sub>Acc</sub> atirado-morto  
 'Eles o mataram, atirando nele.'
- d. \*Sie haben ihn tot erschossen.  
 Eles tiveram ele<sub>Acc</sub> morto atirado-morto
- (6) a. Sie haben (unser Geld) geraubt.  
 Eles tiveram nosso dinheiro roubado  
 'Eles roubaram nosso dinheiro.'
- b. Sie haben uns arm geraubt.  
 Eles tiveram nós<sub>Acc</sub> pobre roubado  
 'Eles nos roubaram, de forma que ficamos pobres.'
- c. Sie haben \*(uns) beraubt.  
 Eles tiveram nós<sub>Acc</sub> roubado-de  
 'Eles nos roubaram/ Eles roubaram de nós.'
- d. \*Sie haben uns arm beraubt.  
 Eles tiveram nós pobre roubado-de (KRATZER, [2004, p.6] 2005.  
 Tradução para o PB minha.)

Nos dados (4)-(6), somente as versões intransitivas dos verbos participam da resultativa – (b); as versões obrigatoriamente transitivas (exemplos em c) não aceitam a adição do sintagma adjetival - (d). Pode-se observar nos dados em (a) o comportamento intransitivo dos verbos que participam em (b) de resultativas adjetivais.

Sobre os verbos inacusativos, Kratzer (2005) argumenta que não se deveria encontrar verbos verdadeiramente inacusativos em resultativas adjetivais. Aparentes contra exemplos, como os do inglês em (7)a, são descartados pela autora como resultativas em alemão devido à imprecisão acerca da categorização de verbos como *frieren* (congelar), que apresentam comportamento misto quanto à inacusatividade, ora selecionando auxiliar *haben* (ter), ora selecionando auxiliar *sein* (ser) (cf. (7)b'-d').

- (7) a. The river froze solid. (LEVIN E RAPPAPORT, 1995, p. 39)

<sup>3</sup> As autoras apontam que verbos transitivos que não permitem a omissão de objeto (e interpretação não especificada para o objeto omitido) não podem participar da construção resultativa. Kratzer (2005) faz testes de transitividade e mostra que os verbos que ocorrem em resultativas também ocorrem em sentenças em uso intransitivo (com leitura iterativa, por exemplo).

- b. It was freezing.  
 c. I was freezing.  
 d. The water froze yesterday.  
 b'. Es hat gefroren.  
     ES<sub>Expletivo</sub> teve congelado  
 'A temperatura estava congelante.'  
 c'. Ich hab' gefroren.  
     Eu tive congelado  
 'Eu congelei/ eu passei muito frio.'  
 d'. Das Wasser ist gestern gefroren.  
     A água é ontem congelado  
 'A água congelou ontem.' (KRATZER, [2004, p.16-17] 2005. Tradução para o PB minha.)

Para os verbos certamente inacusativos em alemão, Kratzer (2005) questiona a categorização do adjetivo *offen* (aberto), mostrando que esse adjetivo se comporta como a partícula *auf*.

- (8) a. Die Tür ist auf. / Die Tür ist offen.  
     a porta é AUF<sub>part</sub> a porta é aberto  
     'A porta está aberta.' / 'A porta está aberta.'  
 b. Sie hat die Tür aufgelassen. Sie hat die Tür offengelassen.  
     Ela teve a porta AUF<sub>part</sub>-deixado Ela teve a porta aberto-deixado  
     'Ela deixou a porta aberta'. / 'Ela deixou a porta aberta'.  
 (KRATZER, [2004, p.17-18] 2005. Tradução para o PB minha)
- (9) a. Dieser Wunderhund kann sogar Türen aufbellern.  
     esse milagroso-cão pode até-mesmo portas AUF<sub>part</sub>-latir  
     'Esse cão milagroso pode com seu latido até mesmo abrir portas.'  
 b. Dieser Wunderhund kann sogar Türen offenbellern.  
     esse milagroso-cão pode até-mesmo portas aberto-latir  
     'Esse cão milagroso pode com seu latido até mesmo abrir portas.'  
 (KRATZER, [2004, p.19] 2005. Tradução para o PB minha)

A análise das resultativas adjetivais restringe-se às ocorrências com adjetivos, uma vez que incluir as partículas na mesma abordagem poderia inibir generalizações importantes, segundo Kratzer (2005). Acredito, ainda, que resultativas com verbos de partícula – mesmo apresentando semelhança estrutural com as resultativas adjetivais – devem ser consideradas à parte. Isso porque o estatuto dos verbos de partícula em alemão não é unanimidade como um fenômeno morfológico ou sintático. Ainda, tais verbos envolvem ocorrências além das com leitura resultativa/causativa.

Para o verbo *frieren* (congelar), temos uma questão de ordem empírica quanto à incerteza da sua categorização entre intransitivo e inacusativo. A questão que permanece, no entanto, é por que não podemos ter resultativas com verbos inacusativos, a exemplo dos dados em (2).

Dados como (7)a (e a contra parte em alemão: *Der Fluss ist starr gefroren*) poderiam ser separados de resultativas adjetivais se tomarmos como base a análise em Barbosa (2008) (que, por sua vez, baseia-se em Parsons (1990)), em que o sintagma resultativo (*solid* – sólido) não denota o estado resultante, mas sim modifica-o, uma vez que o estado resultante da ação verbal já foi expresso no conteúdo semântico do verbo juntamente com o argumento interno.

Lembro que sentenças do tipo (7)a são possíveis em PB: *A manteiga congelou torta*. Já as resultativas adjetivais como em (1) são impossíveis nessa língua. Essa variação de ocorrência pode ser tomada como uma evidência empírica para a diferença no conteúdo

semântico das resultativas adjetivais que ocorrem em alemão e em inglês, por um lado, e das resultativas que ocorrem em PB, como *Ela cortou o cabelo curto* e *Ela costurou a saia justa* (dados de Foltran, 1999)<sup>4</sup>.

Assim, sigo Barbosa (2008) e não considero resultativa adjetival sentenças como (7)a, e sua contra parte em alemão acima, devido à diferença semântica entre o AP ser modificador de estado resultante ou o estado resultante *per se*. Mostro na próxima seção que a semântica das resultativas adjetivais, seguindo Kratzer 2005, caracteriza o estado denotado pelo sintagma adjetival como o resultado final do evento (e não a modificação desse resultado final, em analogia a Barbosa, 2008).

### 3. Semântica das resultativas e a relação de causa

Em Kratzer (2005), a autora hipotetiza que a relação de causa das resultativas adjetivais é dada por um item lexical foneticamente nulo e mais afixal [cause]. Esse afixo seria o responsável por tornar os adjetivos eventivos, uma vez que o adjetivo se incorpora em [cause] para satisfazer as necessidades afixais do referido afixo. Um afixo não pronunciado como [cause], ao trazer a interpretação causativa nas resultativas adjetivais, poderia explicar certas restrições para esse tipo de construção<sup>5</sup>, como em (10):

- (10) a. \* Das Mädchen hat den Topf *geglänzt/ glänzend*<sup>6</sup> *geschrubbt*.  
A moça teve o pote brilhado brilhando esfregado.  
'A moça esfregou o pote e ele ficou brilhando.'  
b. \* Die Jockeys rennen die Pferde *geschwitzt*.  
Os jockeys galoparam os cavalos suados  
'Os jockeys galoparam de forma que os cavalos ficaram suados.'  
c. \* Der Küchenchef kochte das Essen *angenbrannt*.  
O chefe cozinhou a comida queimada  
'O chefe cozinhou a comida e ela ficou queimada.'  
d. \* Sie klopft sich *erschreckend*.<sup>7</sup>  
Ela bateu SICH<sub>reflexivo</sub> assustada  
'Ela ficou assustada ao bater (na porta).'

Chamo o item lexical não pronunciado de X. Devido à necessidade do traço afixal, a raiz adjetival se move para X. Dependendo da morfologia de A, esse pode ou não participar de uma resultativa. Essa diferença morfológica nos faz pensar em A+[cause] como uma adjunção de núcleo a núcleo, ou seja, A e [cause] teriam certas propriedades morfológicas que precisam se combinar umas com as outras para que seja possível a incorporação de A em X. Quando A cumpre as condições impostas por X, pode se incorporar e a resultativa é bem formada. Se A não cumpre essas condições, a resultativa não é aceita – a exemplo dos dados em (10).

<sup>4</sup> Para uma abordagem acerca das resultativas do PB, remeto o leitor a Foltran (1999), Lobato (2004) e Barbosa (2008).

<sup>5</sup> Em Kratzer (2005), a autora compara uma operação de *causative shift* (para dar conta da composicionalidade semântica das resultativas) e a postulação de um afixo foneticamente nulo. Mostra então que uma operação de *type shift*, além de ser um princípio de composição não ortodoxo, não faz distinção quanto à morfologia do adjetivo, prevendo erroneamente a boa formação de resultativas agramaticais como em (10). Assim, opta por uma solução morfológica, i.e. a postulação de [cause].

<sup>6</sup> Poderia ser gramatical, mas com uma leitura adverbial, i.e. a maneira como a ação foi realizada, e não o estado final resultante dela.

<sup>7</sup> Kratzer (2005) não traz exemplos desse tipo em alemão. Construí então esses dados com base nos exemplos em inglês da autora.

O afixo [cause] entra na composição semântica como um predicado, que vai tomar como argumento um predicado 'P' do tipo  $\langle s, t \rangle$ . Lemos, da esquerda para a direita, na extensão de [cause], em (11), 'e' como um evento de causa (*causing*) de um estado 's', sendo que 's' é argumento de um predicado 'P'.

$$(11) [[ [cause] ] ] = \lambda P_{\langle s, t \rangle} \lambda e_s \exists s_s [state(s) \& event(e) \& P(s) \& CAUSE (s)(e)]$$

(KRATZER, [2004, p. 32] 2005)

O predicado 'P', do tipo  $\langle s, t \rangle$ , é complemento do item lexical [cause]. Para a resultativa em (12)a, o P que temos para entrar na fórmula é o AP *die Teekanne leer – a chaleira vazio*. Em (12)b, colocamos a extensão do VP, segundo Kratzer (2005).

- (12) a. Hans trank die Teekanne leer.  
 Hans bebeu a chaleira vazio  
 'Hans esvaziou a chaleira bebendo (todo o seu conteúdo).'  
 b. [ [ (((die Teekanne) leer) [cause]) trinken ] ] =  $\lambda e_s \exists s_s [action(e) \& drink(e) \& state(s) \& empty(the\ teapot)(s) \& CAUSE (s)(e)]$

Em (12)b, lemos 'e' como um evento de causa de um estado 's', sendo 'e' uma ação e uma bebedeira, e 's' um estado de vaziez da chaleira. O verbo *trinken* (beber) toma somente um argumento, o argumento 'e' de 'evento', mas não toma nenhum outro argumento - a autora não coloca o argumento externo na denotação do verbo, porque ela defende em Kratzer (1996) que os argumentos externos não são argumentos verdadeiros dos verbos, mas sim seriam introduzidos por uma projeção funcional acima do VP, a VoiceP, que retomaremos na próxima seção.

A relação de causa introduzida por CAUSE nas resultativas é uma 'relação de causa' (*causing*), concebida em Kratzer (2005) em termos de cadeias causais. A relação de causa é definida em termos de cadeias causais<sup>8</sup> como sendo a soma de todas as eventualidades integrantes de uma cadeia causal linearmente ordenada pela relação de causação. A autora se baseia em Lewis (1973, 1986) e coloca a relação de causação como sendo o inverso do fechamento transitivo da relação dependência causal.

Em [*Er trank die Teekanne leer – ele bebeu a chaleira vazio*], o evento de *beber* (não o item lexical *beber*) é interpretado como uma soma de eventualidades integrantes de uma cadeia causal, cujo elemento máximo é o estado de vaziez da chaleira. Trata-se de uma propriedade de ações que é verdadeira para qualquer ação de beber e também para um evento de causa (*causing*) de a chaleira estar vazia. Se uma ação de beber é idêntica a uma ação completa de causa (*causing*) de a chaleira estar vazia, então o que foi bebido está ligado ao conteúdo da chaleira. É dessa maneira que a autora justifica a interpretação de certos DPs como objeto semântico do verbo, mesmo o verbo sendo estruturalmente intransitivo, como em (13):

- (13) a. Der Gärtner goss die Tulpen flach.  
 O jardineiro regou as tulipas plano/chato  
 'O jardineiro regou as tulipas de forma que elas ficaram achatadas./ 'O jardineiro achatou as tulipas regando-as.'  
 b. Der Butler wischte den Tisch sauber.  
 O mordomo flanelou a mesa limpa

<sup>8</sup> Sendo E o conjunto de todas as eventualidades possíveis, a cadeia causal é um subconjunto convexo de E, o conjunto E'.

- ‘O mordomo limpou a mesa flanelando-a.’<sup>9</sup>  
c. Er hämmerte das Metal flach.  
Ele martelou o metal plano  
‘Ele achatou o metal martelando-o.’

Tomemos (13)c: se uma ação de martelar é idêntica a uma ação completa de causa de o metal estar plano, então o que foi martelado está ligado ao metal. Assim, mesmo em SS *o metal* se comportando como argumento semântico do verbo, tal argumento surge na sintaxe como argumento de A.

#### 4. Sintaxe das resultativas

Em Kratzer (1996), o argumento externo não é considerado argumento do verbo e é introduzido por uma projeção funcional acima do VP, chamada de VoiceP. O DP que corresponde ao agente ou outro papel temático associado ao argumento externo está na posição de especificador de VoiceP. O núcleo de VoiceP é Voice, e o complemento de VoiceP é o VP. Segundo essa concepção, os argumentos externos são então introduzidos pelo núcleo Voice, dentro da projeção de VoiceP.

Para a sintaxe das resultativas adjetivais, a autora (2005) defende uma análise de alçamento: o DP, gerado como argumento interno de A, move-se para checar/receber Caso. A raiz adjetival se incorpora no afixo [cause], e a projeção de [cause], aqui XP, é configurada como irmão de V<sup>10</sup>. Uma vez que V é intransitivo (e portanto não tem complemento), não poderia tomar o XP como irmão. Para eliminar essa configuração, referida pela autora como ilícita, ela propõe a incorporação de [A+[cause]] em V, formando o composto V+[A+[cause]].

Não vejo evidência, no entanto, para sustentar a formação de tal composto. Em primeiro lugar, tal formação não poderia ser derivada da semântica. A respeito do movimento de núcleo que adjunge *leer*+ [cause] à esquerda do verbo, Kratzer (2005) observa que esse estágio não traz consequências semânticas: “(...) o movimento de núcleo aberto ou encoberto adjunge *leer*+ [cause] à esquerda de *trinken*. Não há consequências semânticas desse passo.” (*ibid*, [2004, p.38] 2005, tradução minha). Em segundo lugar, não encontrei evidência empírica que motivasse o movimento, pelo contrário. Nos dados em que V é flexionado, esse se move para cima (de V para I, e I, contendo V, move-se para C) sem levar consigo [A+[cause]].

- (14) a. Hans trinkt die Teekanne leer.  
Hans bebe a chaleira vazio  
b. \*Hans leer trinkt die Teekanne.  
Hans vazio bebe a chaleira

A não aceitabilidade de (14)b é evidência contra a incorporação de A+X em V a partir de um movimento aberto. Um movimento encoberto (entre SS e LF) também não seria motivado, uma vez que não há evidências semânticas para tanto<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> Tradução minha para o alemão e para o PB dos exemplos em inglês em Kratzer, [2004, p.24] 2005: ‘*The gardener watered the tulips flat.*’ e ‘*The butler wiped the table clean.*’.

<sup>10</sup> XP como irmão de V poderia ser visto como uma configuração larsoniana: Larson (1988, 1992) considera adjuntos (do ponto de vista da estrutura argumental) em configuração sintática de complemento (irmão de núcleo). Para Kratzer (2005), XP como irmão de V é ilícito.

<sup>11</sup> Ainda, um possível movimento de incorporação de [A+[cause]] para V entre SS e LF violaria HMC (*Head Movement Constraint*, em Travis, 1984), uma vez que as condições de localidade não poderiam ser satisfeitas. Em uma língua V2, como o alemão, V se move para I, e I se move para C, carregando consigo V – ficam ainda

Diferentemente de Kratzer (2005), proponho configurar o sintagma nucleado por [cause], XP, como adjunto ao VP<sup>12</sup>. Dentro da proposta kratzeriana, acima do VP considere a projeção funcional VoiceP como responsável pela introdução do argumento externo na sentença. Para Kratzer (1996), o núcleo Voice, além de introduzir o argumento agente, tem a função de checar Caso Acc – isso se o núcleo Voice for [+ativo], o que ocorre com verbos de ação e estativos. O núcleo Voice sendo [-ativo], para verbos inacusativos, por exemplo, esse não é mais capaz de introduzir argumento externo, nem de checar Caso Acc. A representação arbórea (15) que segue é dada simplificada na Figura 1:

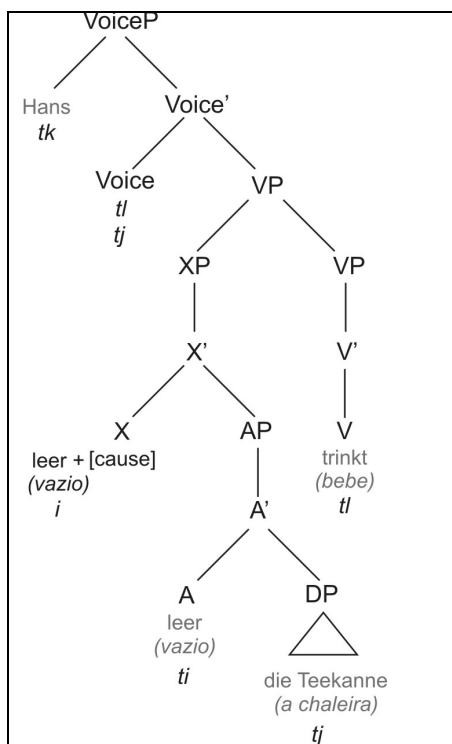


Fig. 1 – Representação arbórea (15).

A raiz adjetival A se incorpora ao afixo [cause] e ali permanece. Da sua posição de origem como argumento de A, o DP *die Teekanne* (a chaleira) sobe para checar/receber Caso Acc em Voice (daí o DP apresentar em SS o comportamento típico de objeto direto do verbo). O sujeito *Hans* é gerado em Spec de VoiceP. A representação arbórea em (15), no entanto, é incompleta: faltam projeções funcionais acima de VoiceP. O DP *die Teekanne* precisa subir na estrutura para dar conta da ordem<sup>13</sup>; V passa por Voice e precisa subir para checar Tense, o sujeito *Hans* precisa subir para checar Caso Nom. Pensando em alemão como uma língua V2, o verbo subiria ainda mais e se alojaria em C; o sujeito se moveria para Spec de CP.

nas posições de origem vestígios de V e de I. Assim, a distância entre V e [A+[cause]] fica muito grande para que o movimento de [A+[cause]] em V seja possível - mesmo se assumíssemos que o movimento de [A+[cause]] em V é cópia (Chomsky, 1993, republicado como cap. 3 de Chomsky, 1995; Nunes, 2004) tomando como base o axioma postulado em Chomsky (1995, p.355). Pensando esse axioma de uma forma mais generalizada, a idéia é de que somente os elos mais altos de uma cadeia desencadeiam movimento (como atratores ou como atraídos).

<sup>12</sup> Em Knöpfle (2010), exploro a configuração em que XP é irmão do verbo, com base em Larson (1988, 1990). Não cabe neste artigo toda análise. Por questões de ordem dos constituintes nas sentenças e restrições impostas por illhas-adjunto, opto pela configuração em que XP é adjunto ao VP.

<sup>13</sup> Para dizer o mínimo; poderíamos pensar ainda que tal DP precisa checar traços Agr.

Com base em (15), temos a potencial possibilidade de barrar resultativas mal formadas como em (2), repetidas aqui em (16).

- (16) a. \*Hans starb Marie traurig  
Hans morreu Marie triste  
'Hans morreu, deixando a Marie triste'.  
b. \*Hans ist Marie zornig eingeschliefen  
Hans é Marie zangada adormecido  
'Hans adormeceu, deixando a Marie zangada'.

Em (16), os verbos sendo inacusativos, portanto [-agentivo], poderíamos colocar o núcleo Voice como [-ativo]. Tal núcleo sendo [-ativo], não há mais possibilidade de o DP *Marie*, argumento de *A traurig* (triste), checar Caso Acc, prevendo a agramaticalidade de (16). O traço [-agentivo] impediria a geração do argumento agente *Hans* – poderíamos então pensar em *Hans* sendo gerado como argumento interno de V, subindo para checar Caso Nom.

Para Kratzer (1996), VoiceP denota uma propriedade de eventos e não leva a um valor de verdade (de acordo com uma semântica extensional). Tal valor de verdade poderia ser obtido por algum núcleo funcional que quantifique existencialmente o argumento de evento. Assim, postulando-se uma projeção funcional (flexional) como TenseP acima de VoiceP, o núcleo da primeira quantificaria existencialmente o argumento de evento. O núcleo Tense tomaria como argumento VoiceP. Segundo a autora, VoiceP não deve aparecer acima de nenhum núcleo funcional que quantifique existencialmente o argumento de evento. Se houver mais de um núcleo funcional além de Voice, como Tense, Agr, Mood ou Aspect, é preciso descobrir qual dos núcleos faz a quantificação existencial. Assim, a autora coloca quais as possíveis posições em que VoiceP poderia ser colocada, i.e. somente abaixo do núcleo funcional que quantifique existencialmente o evento. É por isso que VoiceP é colocada diretamente acima do VP – estando porém aberta a possibilidade de haver alguma projeção funcional entre VoiceP e VP, desde que o núcleo de tal projeção não quantifique existencialmente o argumento de evento.

Kratzer (2005), portanto, coloca a possibilidade de projeções funcionais como Agr. Sendo assim, faço a pergunta: existiria uma projeção como AgrO (imaginando que o papel de AgrO seria mediar relações de concordância entre verbo e objeto em línguas como o Basco, por exemplo)? Caso sim, tal projeção poderia também ser responsável por checagem de Acc, resultando em duas posições disponíveis para a checagem de Acc (Voice e AgrO). Ainda que Voice fosse [-ativo] (em sentenças em que V é inacusativo), continuaríamos com uma posição disponível para checagem de Acc (AgrO), prevendo erroneamente a formação de resultativas agramaticais como (16). Caso a projeção AgrOP não seja postulada, fica a pergunta de qual seria a posição em que as relações de concordância entre verbo e objeto seriam mediadas.

Em Chomsky (1995), as projeções Agr são eliminadas e as relações de concordância são estabelecidas em relações de núcleo e especificador, sendo tais relações posicionadas (parasitando) em outras projeções funcionais colocadas por motivos independentes. A concordância de verbo e objeto, por exemplo, seria intermediada em *v* de *v*-leve, bem como o Caso Acc e a agentividade.

## 5. Reconcebendo o *locus* da agentividade

Relembremos VoiceP: se VoiceP contém traço [+ativo], introduz o argumento agente e permite checagem de Caso Acc. Se contém traço [-ativo], não introduz o argumento agente e não permite checagem de Caso Acc. Sendo assim, uma análise calcada em VoiceP poderia,

em princípio, fazer as mesmas previsões que uma análise considerando *v*-leve (Chomsky, 1995).

Lembro ainda que Kratzer (2005) deixa em aberto a possibilidade de projeções funcionais acima de VoiceP (como TenseP, AgrP, MoodP ou AspectP), mas não diz explicitamente quais seriam todas elas, a hierarquia e por o que cada uma seria responsável. Temos no sistema VoiceP, então, a potencial possibilidade de dar conta dos dados em (16). Falta, porém, a definição de todas as projeções acima de VoiceP.

Já no sistema do *v*-leve em Chomsky (1995), as projeções funcionais que seguem o *v*-leve são claramente identificadas, tanto na hierarquia da configuração, quanto no papel que cada projeção funcional desempenha.

Em uma estrutura semelhante (com base Chomsky, 1995, cap.4), o argumento agente/sujeito é introduzido por uma projeção acima do VP, nucleada por *v* (*v*-leve). Vejamos a representação simplificada na Figura 2 (Representação arbórea (17)):

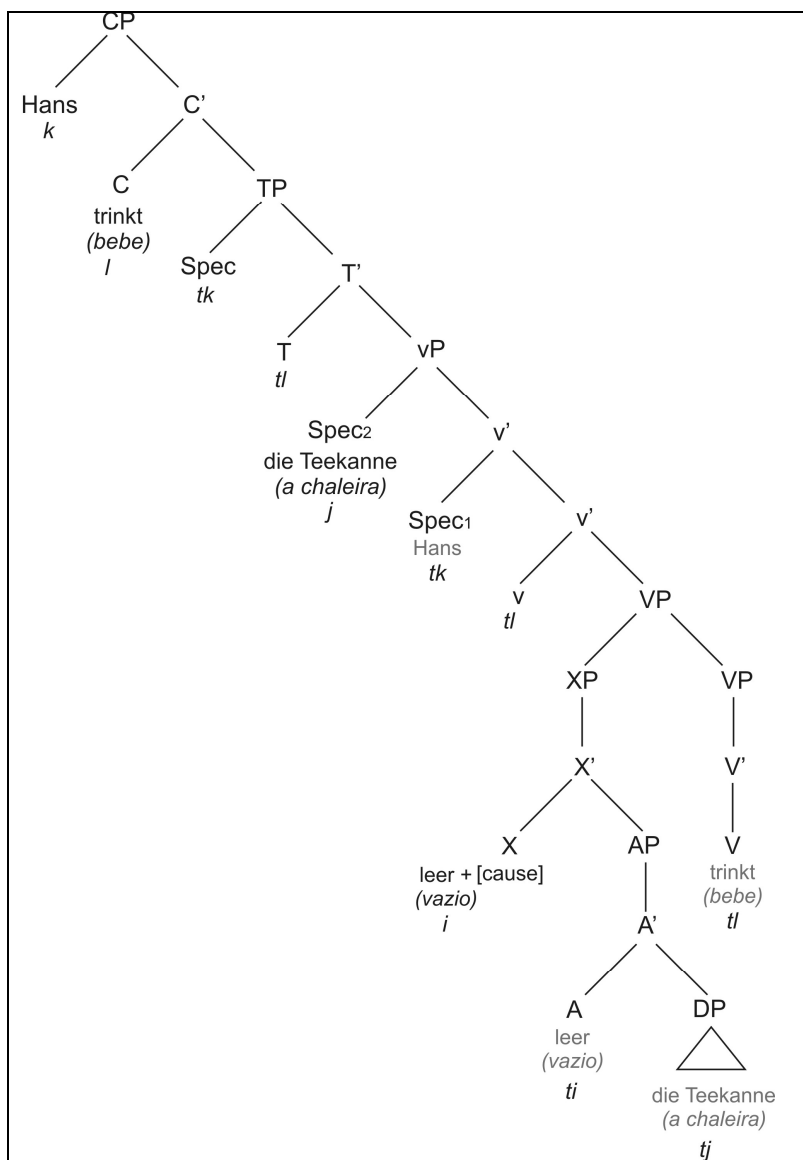


Fig. 2 – Representação arbórea (17).

Chomsky (1995, capítulo 4) coloca como hipótese que o Caso Nom é checado/atribuído em Spec de TP, e que as relações de concordância entre sujeito e verbo são intermediadas em T (sem uma projeção AgrS para tanto). O Caso Acc é checado/atribuído no segundo especificador de  $vP$ . Podemos notar, então, que para a análise da sintaxe das resultativas adjetivais, o núcleo  $v$  em (17) teria uma função muito parecida (a de *agentividade*) com a semântica que Kratzer (1996) atribui ao núcleo Voice.

Para uma representação com  $vP$ , a exemplo de (17), a questão da localidade se resolveria considerando a base do axioma postulado em Chomsky (1995, p.355). Se o sujeito nasce no primeiro Spec de  $vP$ , ele não pode se mover para o segundo Spec de  $vP$  porque o recebimento de papel-theta e a checagem de Caso não acontecem no âmbito de uma mesma projeção, i.e. estão em uma espécie de “distribuição complementar”, segundo Chomsky (1995, p.312-313). A disputa entre o DP sujeito (primeiro Spec de  $vP$ ) e o DP complemento de A (dominado pelo XP adjunto ao VP) não existe uma vez que o DP sujeito está colocado em uma posição que o torna inelegível para ir para a posição de checagem de Acc, por conta do axioma estabelecido em Chomsky (1995). Isso torna o DP complemento de A o único constituinte possível de ser movido para o segundo Spec de  $vP$  para receber/checar Caso Acc.

A impossibilidade de resultativas com verbos inacusativos, como em (16), pode ser prevista a partir de (17). Somente os verbos que podem atribuir um papel temático ao sujeito (argumento externo) podem atribuir Caso Acc a um objeto (seguindo a generalização de Burzio, 1986). Então, para uma sentença com verbo inacusativo, não existe o papel temático de agente nem atribuição de Caso Acc. Segundo Chomsky (1995, capítulo 4), isso aconteceria porque não há uma projeção  $vP$  nesse tipo de sentença. Sem  $vP$ , não há mais a posição de papel temático de agente (primeiro Spec de  $vP$ ), nem a posição para checagem/atribuição de Caso Acc (segundo Spec de  $vP$ ). A representação simplificada na Figura 3 (Representação arbórea (18)) prevê a agramaticalidade de (16):

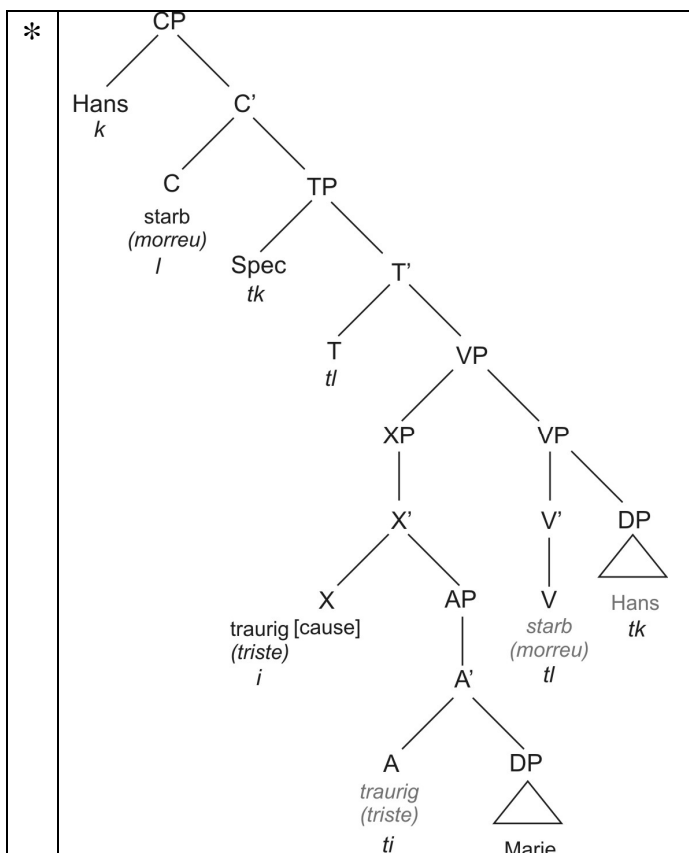


Fig. 3 – Representação arbórea (18).

Assim, em uma resultativa adjetival com verbo inacusativo (cf (16)), o argumento interno do verbo sobe para checar/receber Caso Nom. Já o DP argumento de A não tem onde checar/receber Caso Acc (uma vez que *vP* não está presente na estrutura), violando Filtro de Caso.

Adicionalmente, a representação em (17) prevê corretamente a má formação de resultativas com verbos transitivos, a exemplo de (3), repetido aqui em (19):

- (19) c. \* Hans schlugte Klaus Marie traurig.  
 Hans espancou Klaus<sub>Acc</sub> Marie<sub>Acc</sub> triste  
 ‘Hans espancou Klaus, deixando Marie triste’

A má formação em (19) é prevista pelo Filtro de Caso. Em (17), temos apenas uma posição disponível para checagem de Caso Acc, i.e. o segundo Spec de *vP*. No entanto, temos dois DPs disputando essa posição: o DP *Marie*, argumento interno de A, e o DP *Klaus*, argumento interno de V. Há, portanto, violação do Filtro de Caso.

## 5. Conclusão

Este artigo mostrou dados agramaticais de resultativas adjetivais com verbos inacusativos, bem como com verbos transitivos, que demandavam uma explicação. A generalização de que a formação de resultativas adjetivais em alemão é restrita a verbos intransitivos (excluindo-se, portanto, o verbos transitivos e inacusativos) foi primeiramente apontada em Kratzer (2005). Minha análise semântica e sintática para as resultativas

adjetivais nesse idioma foi baseada no referido trabalho da autora, resumidamente: o DP Acc da SS é gerado como argumento interno de A; há incorporação de A no afixo foneticamente nulo e mais afixal [cause]. Diferentemente da autora, proponho que o nó nucleado pelo afixo [cause] é adjungido ao VP.

A fim de dar conta dos dados agramaticais apresentados aqui, comparo o esqueleto sentencial em Kratzer (1996, 2005) contendo VoiceP como o *locus* da agentividade, reconcebendo-o com base na proposta em Chomsky (1995), na qual o autor coloca a projeção *v*-leve como sendo a responsável por codificar a checagem de Caso Acc e a introdução da agentividade. Segue-se dessa proposta a formalização da *Generalização de Burzio* (1986), i.e. somente os verbos que podem atribuir um papel temático ao sujeito podem atribuir Caso Acc a um objeto. A agramaticalidade dos dados formados por resultativas adjetivais com verbos inacusativos pode ser prevista uma vez que não haveria na estrutura uma projeção *v*-leve onde o DP argumento de A possa checar Acc, violando Filtro de Caso.

## Referências

- BARBOSA, J. W. C. *A estrutura sintática das chamadas “construções resultativas em PB”*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BURZIO, L. *Italian Syntax*. Dordrecht: Reidel, 1986.
- CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. *Barriers*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1986a.
- CHOMSKY, N. *Knowledge of language: its origin and use*. New York: Praeger, 1986b.
- CHOMSKY, N. A minimalist program for linguistic theory. In: HALE, K.; KEYSER, S.J. (Orgs.). *The view from Building 20*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1993.
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, N.; LASNIK, H. The theory of principles and parameters. In: JACOBS, J. et al. (Orgs.). *Syntax: An international Handbook of Contemporary Research*. Berlin: de Gruyter, 1993.
- FOLTRAN, M. J. G. D. *As construções de predicação secundária no português do Brasil: aspectos sintáticos e semânticos*. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, 1999.
- HOEKSTRA, T. Small clause results. *Língua* 74, p. 101-139, 1988.
- HOEKSTRA, T. Aspect and theta-theory. In: ROCA, I. M. (Org.). *Thematic structure: Its role in grammar*. Dordrecht: Foris, 1992.
- HORNSTEIN, N. *Logical form: from GB to minimalism*. Oxford: Blackwell, 1995.
- KNÖPFLE, A. *A estrutura sintática das resultativas adjetivais no alemão: uma proposta a partir de Kratzer (2005)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- KRATZER, A. Severing the external argument from its verb. In: ROORYCK, J.; ZARING, L. (Orgs.). *Phrase structure and the lexicon*. Dordrecht: Kluwer, p. 109-137, 1996.
- KRATZER, A. Building resultatives. In: MAIENBAUM, C.; WÖLLSTEIN-LEISEN, A. (Orgs.). *Event arguments in syntax, semantics, and discourse*. Tübingen: Niemeyer, 2005. Publicação eletrônica (2004) disponível em <<http://semanticsarchive.net/Archive/GY4ZThjZ/Building%20Resultatives.pdf>>. Acesso em 25.03.2010.
- LARSON, R. On the double object construction. *Linguistic Inquiry* 19, p. 335-391, 1988. Disponível em <<http://sem lab5.sbs.sunysb.edu/~rlarson/larson88do.pdf>>. Acesso em 23.09.2009.



- LARSON, R. Double objects revisited: reply to Jackendoff. *Linguistic Inquiry* 21, p. 589-632, 1990. Disponível em <<http://sem1ab5.sbs.sunysb.edu/~rlarson/larson90rj.pdf>>. Acesso em 23.09.2009.
- LASNIK, H.; URIAGEREKA, J. *A course in GB syntax*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1988.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995.
- LEWIS, D. Causation. *Journal of Philosophy* 70, p. 556-567, 1973.
- LEWIS, D. *Philosophical Papers, Volumes I and II*. Oxford: Oxford University Press, 1986.
- LOBATO, L. Afinal, existe a construção resultativa em português? In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; PIRES DE OLIVEIRA, R. (Orgs.). *Sentido e Significação*. São Paulo: Contexto, 2004.
- NUNES, J. *Linearization of Chains and Sideward Movement*. Cambridge: The MIT Press, 2004.
- PARSONS, T. *Events in the semantics of English: a study in subatomic semantics*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1990.
- RIZZI, L. *Relativized Minimality*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1990.
- TRAVIS, L. *Parameters and the effects of word order variation*. Doctoral dissertation, MIT, 1984.